Contribuições para o estudo da História Regional: a trajetória da ervateira Baldo S/A no Rio Grande do Sul (1920-2006)

Neli Galarce Machado

Centro Universitário Univates
Lajeado - Rio Grande do Sul - Brasil
ngalarce@univates.br

Sérgio Nunes Lopes

Centro Universitário Univates
Lajeado - Rio Grande do Sul - Brasil
sergionl77@univates.br

Patrícia Schneider

Centro Universitário Univates
Lajeado - Rio Grande do Sul - Brasil
pcissas@univates.br

Resumo: O presente artigo estuda a colonização no Sul do Brasil, mais especificamente, a adaptação dos imigrantes italianos e seus descendentes, ao panorama econômico formatado a partir da primeira metade do século XX. As reflexões têm como ponto de partida a história de uma empresa familiar, a Baldo S/A, situada no município de Encantado/RS. O estudo tangenciou, desde a perspectiva historiográfica, algumas atividades econômicas que compõem o ramo de atuação da Baldo S/A. Em que pese ter diversificado sua linha atuação, a empresa tem sua origem vinculada ao beneficiamento e comercialização de erva-mate. O acervo documental consultado permitiu a visualização da inserção da Baldo S/A no panorama econômico do Sul do Brasil e sua penetração em outros países do Cone sul. Além de consultas bibliográficas, o presente estudo encontra-se lastreado por documentação originária de acervos pessoais e institucionais. A elaboração do texto seguiu os parâmetros da Nova História Cultural, visando ampliar a compreensão sobre os fatos e acontecimentos nos panoramas regional, nacional e global.

Palavras-chave: História Regional. Baldo S/A. Rio Grande do Sul.

Introdução

Narrar a trajetória da empresa Baldo S/A revela questões que merecem destaque sob o ponto de vista da ciência histórica. A valorização da história enquanto patrimônio, base de identificação e coesão entre o indivíduo e a comunidade é um dos fatores que trabalhos como este contemplam. A história que segue, apesar de ter como fio condutor a Baldo S/A, amplia os horizontes de informações que a relacionam com processos mais

amplos como a colonização europeia no Rio Grande do Sul.

Migrantes de descendência italiana compõem as últimas ondas migratórias mais numerosas para o Rio Grande do Sul no século XIX. É nessa ocasião que os Baldo chegam ao que hoje é o Vale do Rio Taquari/RS, uma região que dista, em média, 120 quilômetros de Porto Alegre. No início da segunda década do século XX, os primeiros integrantes dessa família que nasceram nessa região do Rio Grande do Sul constituem uma empresa que tem como carro-chefe o processamento e comércio de erva-mate. Com o passar do tempo, os negócios foram diversificados, atestando relevante acuidade na leitura das transformações das conjunturas econômicas que se seguiram.

Ao pesquisar a história da Baldo S/A procurou-se apresentar um breve mapeamento da história regional. A relevância de estudos com essa abordagem encontra em Cunha *et al* (2008, p. 495) reflexões ilustrativas. Conforme os autores:

Há um sentido forte na ideia de região que é preciso sublinhar. Região é uma produção cultural, uma criação histórica, e neste sentido é o espaço do irreduzível da liberdade e da criatividade. Com base num estoque de recursos dado, as sociedades humanas inventaram-se diversas: aqui a pedra e a montanha, lá o mar e a floresta, mais além os desertos, as imensidões. E em todos esses lugares a civilização se fez, na caminhada do homem rumo à sua auto emancipação. Reconhecer e valorizar estas diferenças regionais é reconhecer e valorizar a liberdade como fundamento da possibilidade emancipatória.

Como elemento consubstanciado para explicar o conceito de história regional, Fernand Braudel trabalhou com o “grande espaço” e as gerações seguintes de historiadores trouxeram a tendência do “pequeno espaço”. Esta nova tendência, que se fortalece nos anos 1950, ficou conhecida na França como “História Local”. A História Local nascia, aliás, como possibilidade de confirmar ou corrigir as grandes formulações que haviam sido propostas ao nível das histórias nacionais. A História Local — ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico — surge precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das dimensões nacionais (BARROS, 2006, p. 470).

Ainda no caminho da contextualização, retrocedeu-se aos anos em que a erva-mate passou a fazer parte da cultura do não indígena, originário da Europa e de hábitos diversos dos habitantes ameríndios. O objetivo foi estender o lastro sobre o qual se desenvolve a narrativa específica acerca da empresa. Metodologicamente procedeu-se a uma exaustiva busca bibliográfica de onde emanam os dados que embasam as informações apresentadas.

A trajetória histórica de uma empresa, indivíduo ou temática e sua devida

contextualização histórica, política e econômica levanta possibilidades de abordar mais claramente o patrimônio histórico e cultural do Vale do Taquari, problematizando assim a história regional. A acuidade, no que concerne aos negócios, fez os imigrantes da família Baldo e seus descendentes visualizarem no beneficiamento e comércio de erva-mate uma possibilidade de sustento em terras americanas. Conscientemente ou não, aqueles imigrantes passaram a explorar um mercado que sustenta um hábito cujos primeiros registros remetem às reduções jesuíticas do século XVII.

A identificação das origens e o processo formativo de uma empresa, com aproximadamente 100 anos de história – por meio de levantamentos e análises das fontes documentais, incluindo fontes iconográficas e bibliográficas e o uso de informações orais (entrevistas estruturadas e semiestruturadas), permite a ampliação e conhecimento da história do Rio Grande do Sul, em suas variadas possibilidades.

A valorização e o estudo da história permitem que haja a fortificação dos laços de identidade cultural entre os indivíduos, bem como da comunidade onde o processo se desencadeou. Para que se possa desenvolver trabalhos de conscientização e de valorização do patrimônio cultural, é necessário que os indivíduos conheçam e assim o reconheçam como tal. É a partir do conhecimento/reconhecimento que o patrimônio extrapola a função contemplativa e coloca-se como testemunho ou documento da história que resiste ao tempo.

Abordagens como as ensaiadas na presente produção apresentam-se como demandas contemporâneas à ciência histórica. Por um lado, atendem ao reclamo teórico-metodológico emergente de recortes menores analisados verticalmente e em relação com contextos mais amplos. Por outro, potencializam práticas pedagógicas, no que concerne a abordagens acerca de aspectos relevantes da história regional, a saber: a importância econômica da erva-mate e a colonização europeia, no estudo em questão, os movimentos migratórios do final do século XIX.

As bases metodológicas

Para o desenvolvimento deste trabalho realizou-se consultas bibliográficas e pesquisas em acervos disponíveis sobre o assunto - como documentos particulares, documentos da empresa, imagens, fotografias, fontes orais e jornais. A elaboração do texto seguiu os parâmetros da Nova História Cultural, que visa ampliar a visão sobre os fatos e

as fontes utilizadas, contextualizando os acontecimentos em âmbito regional, nacional e global.

As premissas dessa abordagem são expressas pelo historiador britânico Peter Burke ao refletir acerca do papel dos historiadores no campo da história cultural. Nas palavras de Burke (*apud* BAYONA, 2009, p. 24):

Historiadores culturales, más que otros tipos de historiadores están bien preparados para mediar o ‘traducir’ entre el pasado y el presente, dado que son conscientes de las diferencias de las mentalidades y modos de pensar. Los historiadores generalmente tienen la función de ayudar a sus contemporáneos a ver el presente como historia, es decir, mirar al mundo con la perspectiva de cambios de larga duración que son con frecuencia más importantes que aquéllos de corta duración, de los cuales tenemos consciencia en este tempo.

No campo da memória, uma vez que os relatos compõem parte das fontes da presente produção, é conveniente atentar para as ponderações de Maurice Halbwachs (2013). Já nos anos 1920 e 1930, aquele autor sublinhava que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um acontecimento construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Se destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. É como se, numa história de vida houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinados números de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos tenham a potência de modificar significados em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala.

O acervo documental consultado, fonte de pesquisa importante, trouxe à tona uma série de transformações pelas quais a Baldo S/A passou a fim de adaptar-se às demandas de cada tempo. O acervo documenta, entre outros aspectos, a compra da primeira extração de óleos vegetais que representou, o florescer da “S/A”. Como se pode perceber a empresa ampliou sua atuação ao dedicar-se a outro ramo de negócio. A mesma documentação apresenta informações relevantes acerca da modernização do parque de máquinas e da abertura das mais de 20 filiais nos três estados do Sul. A guarda da documentação, como registro da memória, para além dos limites legais e contábeis, possibilitou a consulta e ligação entre as memórias dos interlocutores e as fontes documentais. A documentação preservada permitiu a narrativa do processo formativo, de forma contínua e gradual sem muitos vazios históricos, demonstrando os momentos marcantes que desencadearam

mudanças e/ou permanências, contextualizadas do âmbito local ao internacional. As entrevistas com os funcionários há mais tempo na empresa e com os descendentes da família Baldo que ainda dirigem a empresa serviram como conexão entre o que a documentação foi, paulatinamente, revelando.

Como última ponderação metodológica cabe ressaltar que o trabalho é a culminância da abordagem às fontes com as quais os historiadores envolvidos no processo trabalharam. A este respeito duas considerações: primeiramente, o reforço de que se trata de uma abordagem geral. Outras possibilidades, com focos mais específicos, são possíveis e desejáveis. Em segundo lugar destaque-se a qualidade do acervo documental abordado durante a pesquisa. A sistematização da documentação do arquivo histórico da Baldo S/A é um manancial de pesquisa que supera os campos da História.

Imigrantes da família Baldo e o alvorecer da República

Nascido na Itália, Domênico Baldo casa-se no Brasil em 1890. Um ano antes o movimento republicano concretizava a proclamação da República no Brasil. Os Baldo entram no processo de decantação que os imigrantes representaram na história política do Brasil. Domênico terá entre seus filhos, Antônio, João e Luiz, aqueles que constituirão a origem da Baldo S/A.

A inserção da história da Baldo S/A em um contexto mais amplo ilustra as diferenças existentes entre os processos de consolidação da imigração italiana no Brasil. Enquanto no sudeste brasileiro os italianos substituíram a mão de obra africana empregada nas fazendas de café, no Rio Grande do Sul, a partir da década de setenta do século XIX, os migrantes daquela nacionalidade chegavam como posseiros em regiões hoje correspondentes à Serra Gaúcha. Os Baldo, acompanhando as conjunturas em metamorfose, na passagem do século XIX para o XX, atuarão no comércio e, de certa forma, experimentarão um processo rudimentar de industrialização.

A erva-mate tem seu processo industrial bastante simples. É ilustrativo, entretanto, que diante da referência acima feita tenha-se o embrião da Baldo S/A sendo gestado exatamente no contexto apresentado. Se nesse nascedouro as ligações com o contexto industrial mais amplo são tênues, as décadas que se seguirão mostrarão a empresa perfeitamente integrada no mercado e contemplando as transformações por ele exigidas.

Tangenciar as relações internacionais é outra tarefa que se apresenta de forma imperativa em um trabalho que coloca a Baldo S/A como fio condutor, pois é para além das fronteiras brasileiras que seus diretores voltarão as atenções com o passar dos anos. Acontecimentos de monta marcarão os anos 1900, período cujo frenesi da industrialização inchou as cidades e interesses diversos iniciarão dois conflitos de dimensões mundiais.

A Primeira Guerra Mundial impactará a economia do Rio Grande do Sul. Eis uma das mais fortes manifestações da penetração efetiva do sistema capitalista na atividade predominante no Estado. As influências globais desse conflito foram mensuradas pelo respeitado historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 31) ao afirmar que “A Primeira Guerra Mundial envolveu todas as grandes potências, e na verdade todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça”.

O embrião da Baldo S/A se estrutura justamente no imediato pós-guerra, reafirmando a alternativa que representava a economia de base colonial à atividade charqueadora, hegemônica em escala estadual e solapada com o fim da Guerra. Ainda na composição do mosaico da época em que João Baldo dava os primeiros passos, junto com seus sócios, no campo da industrialização da erva-mate, a quebra da bolsa de Nova Iorque ajudou na detecção de que o mundo estava, irremediavelmente, interligado e economicamente interdependente.

Ao se analisar o período em que ocorriam as duas guerras mundiais tem-se reações econômicas diferentes no Brasil. No caso da Primeira Guerra, o Rio Grande do Sul será beneficiado com a exportação de charque. Já na Segunda Guerra detecta-se a retração nas taxas de crescimento industrial. Apesar da ênfase dada à falta de incentivo estatal, não é de difícil constatação que a essa altura a produção interna substituía paulatinamente a importação de produtos manufaturados. Em outras palavras, estavam lançados os pilares da industrialização no Brasil de maneira irreversível, caminho que será palmilhado pela Baldo S/A com destaque.

O Brasil, ainda basicamente agrícola, dependerá muito das políticas públicas para avançar na industrialização. Enquanto o mundo se reestruturava após a Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas voltaria à presidência no Brasil. Em seu retorno ao poder no país, o político gaúcho direcionou as suas ações na área econômica à indústria. Apesar da instabilidade política que afetará o final do governo Vargas, avanços significativos tiveram lugar nesse período. Os recursos que fomentariam o desenvolvimento industrial brasileiro, entretanto, deixariam de vir exclusivamente dos setores agroexportadores e o capital internacional será a nova fonte de recursos. Essa situação tornaria vulnerável a economia do país, mas será esta a filosofia desenvolvimentista, a qualquer custo, que permeará os

anos seguintes.

No governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o JK (1956-1960), embora com o Estado tutelando a industrialização, a abertura das fronteiras, ao mesmo tempo em que promovia a absorção do Brasil pelo mercado internacional por meio da contemplação da divisão internacional do trabalho, o tornava dependente. A política econômica de JK se definiu no chamado Plano de Metas, que se baseava, segundo Boris Fausto (1999, p. 425), em: “energia, transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília, chamada de meta-síntese”. O objetivo do governo torna-se o de promover a integração entre os diversos segmentos detentores de capital capazes de patrocinar o desenvolvimento. Nesse período, Arlindo Plácido Baldo, atual Diretor Presidente da Baldo S/A, toma oficialmente a frente nos negócios da empresa fundada ainda em 1920, por seu pai, tios e mais alguns sócios. O mandato do presidente JK estava por acabar e a política econômica de fronteiras abertas começava a render problemas para o Estado brasileiro.

O período democrático estava em seu crepúsculo mesmo com a eleição de Jânio Quadros para a sucessão acontecendo na forma prevista pela Constituição. A renúncia espontânea de Jânio levou João Goulart, embora com poderes reduzidos, a ocupar o cargo de presidente do Brasil. Jango, como denominavam o novo presidente, encontra o país endividado e ao se voltar politicamente para a esquerda é deposto pelos militares, que incrementarão o processo de abertura do Brasil ao capital internacional, o que vai ocasionar um crescimento artificial caracterizado por vários cientistas como “milagre econômico” ou “milagre brasileiro”.

Como se não bastasse esse quadro gestado dentro das fronteiras nacionais, a economia mundial foi severa no período com os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Em 1973, a crise do petróleo deu a sua parcela de colaboração para a ruína econômica de nações dependentes da importação desse produto, como por exemplo, o Brasil. O crescimento artificial baseado em financiamentos externos sofreu ainda um segundo golpe, em 1979, também oriundo do setor petrolífero. A década de 1980, conforme Goldin e Rezende (1993) é marcada pelo tratamento da dívida externa. Politicamente o Brasil iniciava um processo de redemocratização paulatina.

Os encerramentos, do século e do milênio, são precedidos por medidas que alternaram sucessos e insucessos nos campos econômico e político. A Baldo S/A, desde a sua gênese ainda como empresa familiar, fez a leitura precisa de cada tempo, o que a credencia chegar ao século XXI como uma empresa que alcança reconhecimento internacional. O crescimento da Baldo S/A permitiu-lhe posição destacada na economia do Mercosul. A solidificação das relações com o Uruguai, iniciadas ainda nos anos 1960,

deram impulso na superação da crise nacional.

As origens da empresa Baldo S/A

A Baldo S/A – Comércio, Indústria e Exportação tem sua origem nas primeiras décadas do século XX e conforme dados documentais e informações orais, oriundas de pesquisas realizadas entre outubro de 2008 e setembro de 2009¹, trata-se de uma empresa de origem familiar que continua sob a direção da mesma família agregando alguns acionistas, especialmente após a transformação em Sociedade Anônima.

Sua origem remete ao ano de 1920 quando João Baldo, então residente no município de Guaporé/RS, região atualmente pertencente ao município de Vespasiano Corrêa/RS, constitui sociedade com mais dois membros da família e outros dois sócios da mesma comunidade.

João Baldo na década de 1920 já colhia erva-mate nos ervais nativos de suas terras, juntamente com os irmãos, Luiz e Antônio que residiam próximos e que, da mesma forma, tinham ervais. Diante da dificuldade em vender a produção resolvem criar uma sociedade, fortificando assim a capacidade de venda, pois poderiam adquirir de outros produtores e revender maiores quantidades. Assim surge a João Baldo & Cia., sociedade formada pelos irmãos João, Antônio e Luís Baldo, mais Antônio Lapinski e Pedro Favero.

Por meio do Livro dos Contribuintes do Imposto Sobre a Renda de Imóveis Rurais do ano de 1936, constante no acervo do Arquivo Histórico de Guaporé é possível demonstrar a proximidade das terras dos irmãos, o que privilegiaria a constituição da sociedade. João Baldo declara os seguintes bens: lote 45, a metade do lote 46 e a metade do lote 51, isto na localidade de Esperança. O lote número 1 é declarado pelo mesmo proprietário na localidade de Visconde do Rio Branco. Antônio Baldo, outro dos sócios, declara no mesmo documento possuir o lote 47 na localidade de Esperança. Antônio Lapinski era produtor de erva-mate na região, motivo pelo qual tornou-se sócio. Não foi possível apurar maiores informações sobre o desligamento de Antônio da sociedade, sabe-se que posteriormente muda-se para Santa Catarina.

¹ No período informado a empresa acionou o Centro de Memória Documentação e Pesquisa da Univates (CMDPU) com a finalidade de organizar as informações históricas presentes em seu acervo. Os pesquisadores elaboraram uma proposta de contextualização mais ampla da inserção da empresa familiar no mercado nacional e internacional. A proposta foi acolhida pela direção da Baldo S/A, resultando em um relatório histórico contextualizado. O trabalho é composto por revisão bibliográfica, abordagem ao arquivo da empresa e relatos orais colhidos no período descrito.

No que se refere à participação de Pedro Favero, a documentação é mais abundante. Pedro Favero era ferreiro na localidade. Em relação à empresa teria entrado com parte do capital além de desenvolver alguns equipamentos em sua ferraria. Na localidade onde teve início o tratamento da erva-mate é possível visualizar o modelo de sapecador desenvolvido artesanalmente. Quando Arlindo Plácido Baldo, filho de João Baldo assume os negócios no final da década de 1950, Favero desliga-se mediante aquisição da participação deste sócio, pelo novo administrador.

O mercado da erva-mate é o alvo principal dos fundadores, como pode ser verificado em relação ao início das atividades de João Baldo e seus sócios, que consta no depoimento a seguir:

Nessa época, ele mesmo [João Baldo] colhia erva-mate de árvores nativas da região. Depois de preparar o produto, transportava-o em carroções até Muçum – então uma pequena localidade na mata, dali levando a preciosa carga até os centros consumidores, especialmente Porto Alegre e Cachoeira do Sul, por via fluvial (LYSAKOWSKI, 1975, p. 290).

Na citação acima fica evidente que as relações comerciais extrapolavam, já nessa época, o mercado regional. João Baldo estabelece contatos na capital do estado realizando transações regulares com aquele mercado. Diante do hábito de tomar mate (chimarrão) há muito difundido e culturalmente reivindicado, os negócios de João Baldo prosperaram. Sopesem-se ainda as condições climáticas e de solo da região explorada que conferem à erva-mate, ainda atualmente, alta qualidade.

O registro da história nos acervos documentais

Gildo Tranquilino Baldo, filho de João Baldo, comenta que a “fábrica” de erva-mate era movida por uma roda d'água em estrutura semelhante a um moinho. As folhas chegavam de carroça, sendo logo iniciado o processo de preparo. Esta informação vem ao encontro do que consta no Livro de Lançamento de Indústria e profissões – 1922 a 1925 (Livro B), onde João Baldo declara no ano de 1923 possuir um moinho.

Na pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal de Guaporé foi possível verificar que além da ampliação do mercado houve significativa diversificação das atividades. Dentre os documentos gerados pelas repartições encarregadas das atividades da Indústria e das Profissões localizou-se o livro com o assento de registros entre os anos de 1938 e 1940. À página 59, consta o inventário dos bens e negócios de João Baldo, a

partir do qual se pode referenciar as informações sobre a diversificação antes mencionadas. Entre os bens aí declarados constam: “carroça, caminhão, auto, fazendas, armarinhos, ferragens, calçados, secos e molhados, compra de produtos, departamento de camas e departamento de fogões”. Além desses bens declarados, na página seguinte do mesmo documento constam um carijo e um socador de erva como propriedades da João Baldo e Cia.

Os demais fundadores da João Baldo & Cia têm os seus bens arrolados no documento citado. É o caso de Antônio Baldo que tem uma carroça declarada à página 39, incrementando uma trilhadeira no registro assentado à página 56. Pedro Favero também tem uma carroça declarada na página 90 do mesmo documento. Antônio Baldo declarou entre os anos de 1931 a 1934 um socador de erva em Esperança.

Os documentos gerados pelo mesmo setor, entretanto, apresentam, embora sem expansão das informações, os negócios dos fundadores da João Baldo & Cia antes mesmo da sociedade. Em registros de 1917 a 1933, Pedro Favero é declarado como de profissão ferreiro desde 1917; só em 1940 que declara possuir uma carroça. Pelos dados documentais até então coletados, a sociedade com João Baldo foi concebida em paralelo com as atividades na ferraria.

João Baldo, gerente dos negócios, construirá sua casa nas terras que pertenciam a sua primeira esposa, Angelina Maria Zílio. Aí fortalecerá os negócios expandindo, mais tarde, para o centro do que é hoje a sede do município de Vespasiano Corrêa/RS. É preciso destacar que Angelina, até sua morte, sempre auxiliou no trabalho da casa de comércio, assim como seus filhos desde cedo participam das atividades tanto na erva-mate como na referida casa comercial. Mulher e filhos eram força de trabalho importante e necessária nas atividades diárias na primeira metade do século XX, e fundamentais no caso específico da família Baldo.

Naquela região localiza-se parte dos negócios assumidos em 1958 por Arlindo Plácido Baldo quando constituiu a sua firma particular. A estrutura encontra-se em ruínas em razão de um incêndio que ocorreu no local já na década de 1990, quando a estrutura era utilizada por peões da Baldo S/A ocupados em tirar lenha dos matos que a empresa aí mantinha. A área ainda pertence à Baldo S/A. Fração significativa da documentação referente aos negócios da João Baldo & Cia foram perdidos neste sinistro.

No ano de 1937, a João Baldo & Cia é registrada na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, como produtora de erva-mate. Durante as primeiras décadas do século XX, a empresa solidifica a sua atuação no comércio de gêneros oriundos da agricultura. Além do comércio, pequenas transformações de matéria-

prima são efetivadas, remetendo a industrialização incipiente. O produto exemplar nesta condição é a erva-mate, carro-chefe da empresa no início da relação com o mercado para além das fronteiras do Vale do Taquari/RS.

Havia grande dificuldade de transporte para escoar a produção e permitir a interligação entre as regiões do estado. Conforme Gildo Tranquilino Baldo (2009, depoimento oral), filho de João e um dos diretores da Baldo S/A, seu pai utilizara as águas do rio Taquari para estabelecer contatos especialmente com o comércio da capital:

Depois meu pai foi negociando [...], começando com erva-mate e trouxe uma mercadoria. Me recordo sempre que tinha umas rapaduras, alguma coisa de comércio que ele trazia da volta de Muçum, porque ele levava a erva a Muçum que tinha o porto. A barca, se embarcava tudo com barca a Porto Alegre. Não tinha caminhão e nem estrada que fosse a Porto Alegre, era só barco, de Muçum a Porto Alegre. E meu pai quando carregava, se tinha já uma venda de erva-mate, ele ia a Porto Alegre junto com os barcos [...].

Apesar de o incêndio antes referido na casa em ruínas em Linha Alegre ter consumido parte significativa da documentação, algumas outras fontes foram paulatinamente aparecendo. Na casa onde Gildo Tranquilino Baldo morava e negociava, no centro do atual município de Vespasiano Corrêa foi possível localizar alguns documentos como o Livro de Registros de despesas entre os anos 1952 a 1960 da João Baldo e Cia Ltda. Aí consta que já nesta época a empresa se preocupava em estabelecer algum tipo de ligação com entidades representativas do seu setor. À página 6 deste documento lançou-se, entre as despesas ordinárias o pagamento ao Instituto Nacional do Mate.

Em 1959, a região onde se localizava o centro dos negócios deixará de pertencer a Guaporé, passando a constituir o território do município de Muçum que surgia no final daquele ano. Os negócios da firma fundada por João e seus sócios sofrerão transformações significativas neste período. Em 1958, Arlindo Plácido Baldo funda a sua firma pessoal e assume os negócios. Na declaração de firma individual consta que se estabelecerá em Vespasiano Corrêa, distrito do município de Guaporé/RS. Desta forma evidencia-se a troca do nome da empresa passando a denominar-se: Arlindo Plácido Baldo – Indústria e Comércio de Erva-mate e Rações – Compra de Produtos Coloniais.

Consta, a priori, no documento o ramo de negócio ao qual se dedicará como sendo o da indústria e comércio de Erva Mate. Acentue-se o fato da menção à industrialização. Mesmo tratando-se do beneficiamento de erva-mate, produto industrializável sem demanda significativa de maquinário sofisticado, vale lembrar que, mesmo no contexto estadual a industrialização se firmava e como se pode ver o Vale do Taquari/RS já figurava neste circuito com uma das incipientes indústrias regionais no começo dos anos

1960.

O capital inicial declarado da empresa foi de Cr\$ 800.000,00 (Cruzeiros) e suas atividades têm início em junho de 1958, no ato da constituição a empresa não tinha filiais a declarar. O aumento verificado posteriormente do capital da empresa denota a prosperidade dos negócios da Arlindo Plácido Baldo. Os Cr\$ 800.000,00 que passaram a NCr\$ 800 (Cruzeiros Novos), após algumas trocas de moeda, alcançarão NCr\$ 90.000,00 em 1968.

Desta forma, com o paulatino aumento de capital a empresa de Arlindo Plácido Baldo busca novos mercados. Tem início a exportação de erva-mate. Conforme registro do Livro Diário da empresa de Arlindo Plácido Baldo em dezembro de 1966, é realizada a primeira exportação de erva-mate para a empresa Rylcan S/A de Montevideu no Uruguai, sendo o valor da transação de US\$ 9.147,6 (Dólares).

Outro processo encontrado data do final da década de 1960. O destino do carregamento documentado no Processo de Exportação de nº 1 é o Uruguai. A Corporación Agropecuaria Uruguay S/A de Montevideu recebeu mais de 50 mil quilos de erva-mate proveniente da Arlindo Plácido Baldo, com o valor total de Ncr\$ 39.153,75. Concorreu para isso o sucesso de vendas que deram um saldo de Cr\$ 3.170.999,17, no exercício de 72/73 para Cr\$ 9.400.978,17 em 73/74. Arlindo Plácido Baldo situa-se, em erva-mate, como a principal exportadora do Rio Grande do Sul, estando na 5ª posição do País em produção e comercialização, com 2.500 toneladas anuais.

Como se pode perceber, a exportação se solidificou no final da década de 1960, atingindo as cifras acima apresentadas na década seguinte. Os anos 1970 marcam o incremento de outro segmento dentro da empresa. A Arlindo Plácido Baldo passará a beneficiar óleos vegetais com destaque para o mercado da soja e do tungue. Esta atividade intensificar-se-á a partir da compra de uma empresa deste ramo de atividade.

Apesar de, na sua origem, dedicar-se prioritariamente à erva-mate, a partir do final da década de 1950, quando Arlindo Plácido Baldo assume a direção dos negócios a diversidade das atividades está expressa, inclusive, no nome pelo qual a empresa passa a se apresentar no mercado. Porém, vale destacar que Lysakowski (1975, p. 290) já se referia a diversificação das atividades da empresa,

Mas, além de erva-mate, nos últimos anos, a empresa está dedicando-se com grande tirocínio à industrialização da soja, com uma produção prevista para o próximo ano de 15.000 toneladas e uma exportação de quatro milhões de dólares. Este setor vem merecendo maior cuidado da firma que, assim, trabalha com óleo de soja, torta de farelo, óleo de tungue e rações balanceadas, ao lado das marcas que consagraram sua indústria em matéria de erva-mate: Erva-Mate Baldo, Erva-Mate Esmeralda, e chá de mate queimado.

A perspicácia na leitura das demandas da indústria alimentícia no mercado em constante metamorfose pode ser listada como um dos fatores que garante o sucesso dos negócios há mais de nove décadas. A dinâmica das atividades comerciais tem raízes históricas.

Assim em junho de 1974, com a finalidade de constituírem e formalizarem a uma nova organização societária, reúnem-se os sócios fundadores do que passará a denominar-se “Baldo S/A – Comércio, indústria e Exportação”. Os trabalhos desta primeira reunião formal são presididos por Arlindo Plácido Baldo e secretariados por Branca Clara Rocchi Baldo. Os sete primeiros sócios são: Arlindo Plácido Baldo, Branca Clara Rocchi Baldo, Lorena Maria Toni, Plácida Banvigo Baldo, Antônio Coser Filho e Domingos Atílio Coser.

O capital subscrito dos sócios foi de Cr\$ 100,00, com exceção de Arlindo Plácido Baldo que incorporou o capital da empresa anterior a Arlindo Plácido Baldo - Indústria e Comércio de Erva-mate e Rações – Compra de Produtos Coloniais, no valor de Cr\$ 1.790.000,00. Nascia assim a Baldo S/A. Somados os valores de todos os sócios tem-se o capital inicial da Baldo S/A na ordem de Cr\$ 1.790.600,00 (um milhão, setecentos e noventa mil e seiscentos cruzeiros). Na mesma data os sócios discutiram e aprovaram o Estatuto Social composto por 29 artigos, estabelecendo as principais diretrizes para o funcionamento da empresa que surgia².

Até então perseguiu-se os caminhos trilhados pela Arlindo Plácido Baldo. O próximo passo é trazer até este ponto da narração outras duas empresas de fundamental importância que se tornarão a Baldo S/A. Trata-se da Iracema Baldo Gheno & Cia Ltda. e da Overol – Óleos Vegetais Roca Sales Ltda., responsáveis pelo aumento significativo de capital e pela dinamização das atividades.

Assim como Arlindo Baldo, Iracema Baldo Gheno, sua irmã, também constituiu firma em 1958. Por se tratar de firma individual o nome da empresa passa a ser o da proprietária.

As atividades desta empresa estendem-se por pouco mais de dez anos. Em novembro de 1968 é protocolado o pedido de fechamento da mesma. O encerramento das atividades da firma pessoal não significou para Iracema o afastamento das atividades às quais até então havia se dedicado. Um mês após o término da firma individual, em dezembro de 1968, é registrada na Junta Comercial do Estado a Iracema Baldo Gheno & Cia Ltda. Estas informações são oriundas das Alterações contratuais constantes do

² Diário Oficial do Rio Grande do Sul, Comércio & Indústria, de 16 de junho de 1975. p.12-13.

“dossier” sobre a empresa arquivado junto à Baldo S/A.

A primeira Alteração Contratual desta empresa, originalmente constituída, por Iracema Baldo e Arlindo Baldo, data de 24 de maio de 1971. Dentre as principais informações constantes no referido documento está a admissão de novo cotista e o Aumento de Capital, bem como a distribuição do capital entre os sócios. Em relação à Admissão do novo cotista, passa a integrar a sociedade mais um dos irmãos Baldo, Gildo Tranquilino Baldo.

Em maio de 1973, nova Alteração Contratual é processada. Por este documento, Iracema passa à única cotista da empresa. Neste período as empresas familiares rumavam para a união e transformação em Sociedade Anônima. A terceira Alteração Contratual trata da incorporação da empresa à Sociedade Anônima. A Overol – Óleos Vegetais Roca Sales Ltda. foi a última empresa a ser adquirida pelos Baldo antes da transformação dos negócios em Sociedade Anônima.

A empresa Overol inicia suas atividades a partir da sociedade formada por Benedito Borghetti, Domingos Perondi, Luiz Antônio Borghetti e Mário Bignetti. Estes primeiros proprietários alugam parte da estrutura junto a cooperativa COOPALTO. Conforme Gräff (2009, depoimento oral), a principal atividade da cooperativa consistia no abate de suínos. A organização teria sucedido o frigorífico de propriedade da família Orlandini que deixou de funcionar. O cooperativismo é a alternativa para que o abate e processamento básico de suínos continuasse. A Overol locou com opção de compra as atividades relativas à extração de óleos vegetais dentro do complexo da referida cooperativa. Este setor possuía duas prensas, uma balança, um armazém e um secador.

A primeira indústria de banha surgiu em 1910, de propriedade de Lourenço Orlandini, localizada na rua Santos Pinto, em frente a atual praça Júlio Lengler. A refinação da banha começou em 1925, com a instalação de um frigorífico. Em 1951, era considerada a maior organização do gênero no Alto Taquari sob a denominação de Orlandini & Cia., pouco depois alterada para Indústrias Reunidas Orlandini S/A, até 1956. A partir desta data, a empresa foi transformada em Cooperativa, até agosto de 1974. Em dezembro deste ano passou sob o controle da Empresa Jolly S/A. e, em 1987, para a Empresa Pena Branca Alimentos do Sul S/A.

Sobre a Overol é preciso enfatizar que a extração de óleos vegetais era apenas um segmento alugado com opção de compra pela sociedade constituída por Borghetti. A referência à indústria da família Orlandini e aos demais administradores que os sucede se justifica por ambos os negócios ocuparem o mesmo espaço geográfico, ou seja, o centro de Roca Sales/RS. É este segmento de óleo que mais tarde será adquirido por Arlindo

Plácido Baldo, Gildo Tranquilino Baldo e Ernesto Orestes Toni.

Alguns fatores convergiram para aquisição da Overol dos seus antigos donos. Entre os fatores se pode mencionar a diversificada área de atuação da empresa de Arlindo Plácido Baldo. Esta empresa negociava diretamente com os agricultores comprando dos mesmos a sua produção para posterior revenda no varejo e mesmo para, de alguma forma industrializá-la. A passagem da industrialização do tungue, e a guinada para o processamento primário da soja encontram eco nas demandas mercadológicas e comportamentais daquele tempo.

O incremento dos negócios na década de 1970, de forma geral, é reflexo de fenômenos anteriores como se pode comprovar através dos estudos de Alles (2005, p.33-34)

No final dos anos 1940 e início dos 50, um surto de peste suína clássica provoca a eliminação de grande parte do rebanho suinícola do Rio Grande do Sul. A soja já estava presente na região, como componente da alimentação dos porcos. Neste período, o esgotamento da fertilidade natural dos solos, a falta de terras disponíveis para as novas gerações de agricultores e as alterações dos padrões de consumo urbanos e do mercado mundial (especialmente no que diz respeito à substituição das gorduras animais por óleos vegetais) provocam uma crise da agricultura colonial. A modernização da agricultura foi a resposta à crise tendo na soja seu principal veículo.

No caso da Baldo S/A a sobrevida vem da diversidade de frentes contempladas. Ao lado dos ditames modernos acima referidos a empresa continua a se ocupar do produto que remonta à pré-história da região. A erva-mate se mantém desde a época de João Baldo como produto de destaque. Observando o cenário apresentado pela bibliografia percebe-se, uma vez mais, a correção na leitura de mercado, ou seja, apostar na nova tendência – o aumento do consumo de gordura vegetal – sem deixar de produzir a clássica erva-mate que está na origem dos negócios de família.

Nos depoimentos de Gräff (2009), a memória trouxe à tona as datas para a mudança jurídica do nome da empresa. A Sociedade Anônima surgira e novo passo em termos de centralização das atividades para a cidade de Encantado/RS é dado. A expansão da produção, a necessidade por infraestrutura, especialmente no que se refere a transporte e comunicação, ajudam a explicar o contexto a seguir.

A sociedade, recém constituída, terá por objetivo social o plantio, comércio e industrialização de Feijão Soja, ou outras sementes oleaginosas, seus produtos e subprodutos, bem como a industrialização e o comércio da Erva-Mate; comércio de produtos coloniais, essências florestais; insumos agrícolas, pecuária, comércio de Tecidos, Armarinho, Miudezas, Gêneros Alimentícios e mais a fabricação de rações. Estava assim aberto o caminho para a incorporação das empresas que os outros integrantes da família Baldo possuíam e que se dedicavam a segmentos diversos de mercado.

O documento pelo qual a diretoria da Baldo S/A propunha a incorporação da Iracema Baldo Gheno e Cia Ltda. e da Overol – Óleos Vegetais Roca Sales Ltda. está transcrito no livro de Atas das Assembleias Gerais da empresa. Sob o título “Exposição Justificativa”, a proposta foi formulada ainda em 1974 e discutida na Assembleia Geral de 15 de julho de 1975. A partir da externalização desta pela diretoria, o Conselho Fiscal emite parecer favorável em relação ao assunto, ainda em 1974.

Diante do parecer dos conselheiros os diretores da empresa nomeiam outra comissão, de “peritos avaliadores” a fim avaliar a situação das duas empresas a serem incorporadas, sendo os mesmos favoráveis a incorporação, pois as empresas encontravam-se sem impedimentos para este fim. Os procedimentos avaliativos são de igual teor para as duas empresas a serem incorporadas. A concretização da transação resultou no aumento de capital da Baldo S/A, tendo em vista que a Iracema Baldo Gheno e Cia Ltda. incorporou a ela o capital de Cr\$ 279.000,00 e a Overol a importância de Cr\$ 40.000,00. Estes valores somados ao capital de Cr\$ 1.790.600,00 já constantes totalizaram Cr\$ 2.109.600,00.

As consultas às assessorias especializadas determinaram que a melhor forma de continuar e organizar administrativamente os negócios era a constituição nos termos de uma Sociedade Anônima. Entre as exigências jurídicas para a configuração da sociedade, na época, se fazia necessário a participação de pelo menos sete sócios. A participação efetiva nas empresas contava 6 acionistas: os três irmãos Baldo (Arlindo, Gildo e Iracema); os dois irmãos Coser (Domingos e Antônio, primos dos irmãos Baldo, que tinham participação informal na Arlindo Plácido Baldo) e Ernesto Orestes Toni que havia investido, juntamente com Arlindo e Gildo na aquisição da Overol. Faltava o sétimo sócio ou acionista. Esta situação gerou a inclusão dos cônjuges de alguns dos acionistas na sociedade com participação mínima. Neste processo figuram: Bianca Clara Rocchi Baldo, esposa de Arlindo; Lorena Maria Toni, esposa de Ernesto; Plácida Banvigo Baldo, esposa de Gildo e Sérgio Beninho Gheno, marido de Iracema.

Os diretores das empresas incorporadas automaticamente passam a figurar como acionistas da Sociedade Anônima. A diretoria da sociedade constituir-se-á de cotistas majoritários das empresas incorporadas. Na eleição da primeira diretoria, após serem apresentadas as chapas na assembleia documentada são eleitos os seguintes membros para a direção: Diretor Presidente: Arlindo Plácido Baldo; Diretor Comercial: Gildo Tranquilino Baldo; Diretor Administrativo: Ernesto Orestes Toni; Diretor Adjunto: Iracema Baldo Gheno.

Na mesma ocasião são eleitos os membros do Conselho Fiscal. Os Conselheiros

Fiscais Efetivos escolhidos são: Dr. José Benedicto Ledur, economista de Porto Alegre; Dr. Romeu João Remuzzi, advogado de Porto Alegre e Dr. Antônio Xavier Barbieri Neto, economista residente em Porto Alegre. Conforme o Estatuto anteriormente aprovado e a legislação que regulamentava o funcionamento das S/As, dever-se-ia escolher três Conselheiros Fiscais Suplentes. Os escolhidos pela assembleia são: Sérgio Antônio Pezzi, contabilista de Muçum; Adelino Fantin, transportador de Muçum e Aristides Pedro Coser, economista também residente em Muçum.

Se a Arlindo Plácido Baldo já apresentava números prodigiosos, especialmente a partir da intensificação dos contatos com o mercado externo, o reforço do capital social com a incorporação das duas empresas apresentadas acima solidificou os negócios a partir de meados da década de 1970. As modificações se deram, mais incisivamente, em dois setores. No tocante à burocracia, o que eram várias empresas, é centralizado em uma única, agora com filiais. Esta medida, facilitava a administração. A outra mudança significativa e concomitante se dá em relação à localização da empresa.

Nesse contexto, no início da década de 1970, a matriz se instala no atual endereço em Encantado/RS. Questões estruturais são levadas em conta. O volume de produto a ser processado aumentara. A localização da indústria de beneficiamento de tungue, no centro de Roca Sales, não favorecia. Caso a opção fosse por Muçum, conforme tratativas preliminares, a situação em termos estruturais não mudaria significativamente. As negociações com a Prefeitura de Encantado/RS chegaram a termo e, por fim, a extração de óleos vegetais se instalara no local onde ainda funciona. Tempos mais tarde, após sucessão de incêndios em outros locais, conforme as referências nos depoimentos, passa também o processamento da erva-mate a ocorrer na sede.

“Uma casa de moradia em meio a lavoura de soja”: assim os depoimentos de funcionários que contam cerca de três décadas na empresa se referem ao local onde a matriz da Baldo S/A iniciou suas atividades, e onde na atualidade processa tanto soja quanto erva-mate. A casa abrigou por certo tempo o escritório improvisado da empresa e as lavouras deram lugar aos pavilhões, secadores de cereais e ao barbaquá. A nova sede tinha por objetivo facilitar a comunicação e o transporte da produção.

A empresa, agora em nova sede e com os estatutos publicados em 1975, começa a utilizar o novo nome nos documentos de emissão imediata. A primeira nota de compra de erva-mate sob a nova denominação é emitida em agosto de 1975. O fornecedor foi o Sr. Osvaldo O. Filippou residente no município de Muçum. A quantidade adquirida foi de 3.390 Kg resultando no valor total dos produtos equivalente a Cr\$ 1.762,80 e o transporte ficou a cargo do Sr. Nelson A. Finatto.

O mesmo itinerário é possível de se fazer em relação a primeira aquisição de soja, outro produto de fundamental importância na pauta da Baldo S/A. A emissão da nota se deu em 28 de novembro de 1975. A Baldo S/A comprou 2.950 Kg de soja do Sr. Severino Radaelli residente na localidade de Linha São José em Encantado. O valor total pago ficou em Cr\$ 3.810,40. A própria Baldo S/A realizou o transporte.

Na indústria, a modernização do processo de beneficiamento, assim como o barbaquá para a erva-mate, na industrialização de soja, as máquinas igualmente evoluem. De duas prensas até chegar ao moderno processo de extração por solvente, vários investimentos se fazem necessários. No setor de erva-mate, o empacotamento a mão ou com máquinas desenvolvidas empiricamente, do mesmo modo fazem parte do passado. As modernas máquinas com sistema computadorizado desde a montagem da embalagem até o envazamento oriundas da Espanha conferem precisão e rapidez.

Se a década de 1980 foi considerada por economistas e historiadores a década perdida em função da recessão econômica, para a Baldo S/A parece que foi diferente. Em 23 de outubro de 1989 o Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul publicava em sua seção de Indústria e Comércio, à página 8, a Ata da Assembleia dos acionistas da Baldo S/A. Na pauta, mais mudanças na redação do Estatuto Social da empresa, especificamente no artigo 3º onde se expõe a área de atividade da sociedade.

A Sociedade terá por objeto social o plantio, comércio e industrialização de Feijão soja, ou outras sementes oleaginosas, seus produtos e subprodutos, refinação e preparação de óleos e gorduras vegetais, bem como a industrialização e o comércio de erva-mate; comércio de produtos coloniais, essências florestais; insumos agrícolas; pecuária e fabricação de rações; comércio de subprodutos de origem animal e calçados, e importação e exportação destes mesmos artigos, podendo ainda dedicar-se ao comércio de gêneros alimentícios, cereais, ferragens, armarinhos, utilidades domésticas, móveis, perfumarias, papéis, bebidas, eletrodomésticos, tecidos, cigarros e congêneres a varejo, através de "SUPERMERCADOS", e ainda o comércio por atacado. Industrialização e comercialização da panificação, confeitaria e beneficiamento de carnes, laticínios e seus derivados; industrialização, comercialização, preparação e acondicionamento de comidas prontas; dedicando-se ainda a atividades peculiares a lancheria e restaurante; e mais o transporte de cargas por via rodoviária³.

Comparando com a primeira redação do mesmo artigo, é possível verificar que aumenta o teor de industrialização. O destaque, neste sentido fica por conta do refino, preparação de óleos e gorduras vegetais. No que se refere à diversificação das atividades merece citação ainda a importação e exportação de calçados bem como a expressa manifestação de interesse na exploração do setor de supermercados, lanchonetes e restaurantes.

³ Diário Oficial do Rio Grande do Sul, Indústria & comércio, de 23 de outubro de 1989. p.8.

Neste mesmo documento consta a alteração de capital social. O 7º artigo do Estatuto publicado no corpo da Ata de 1989, informa que a Baldo S/A passará a contar com o capital de NCr\$ 2.500.000,00 (Dois milhões e quinhentos mil cruzados novos). Os demais artigos do Estatuto Social não sofreram significativas alterações, apenas adequando-se a lei 6.404/76. Vale ressaltar que esta lei regulamenta as Sociedades Anônimas, assim como o Decreto-Lei 2.627/40 que estava em vigor quando do surgimento da Baldo em 1974.

Tanto no que se relaciona à erva-mate quanto à soja, a demanda cresce. Se vender para além das fronteiras regionais já era realidade, a necessidade de compra de matéria-prima igualmente se impunha. Esta situação, aliada à expansão do ramo de atuação gerou a abertura de algumas filiais em outras regiões do estado e nos vizinhos estados da Região Sul, o Rio Grande do Sul deixará de ser hegemônico na produção deste produto.

Os investimentos feitos em outros ramos, como supermercados e calçados aos poucos cessam e as filiais dedicadas a estes ramos são fechadas. O mesmo acontece com aquelas destinadas a absorverem a matéria-prima produzida sazonalmente em determinadas regiões. Em alguns municípios, verificadas as potencialidades, as filiais são mantidas. É o caso, por exemplo, da filial de número 13, aberta em junho de 1988 em Canoinhas no estado de Santa Catarina. Conforme Gräff, a Baldo S/A comprava costumeiramente erva-mate na região. Em uma das viagens os compradores da Baldo tomaram conhecimento do interesse do antigo proprietário, senhor Ademir Ferreira, de vender a estrutura. Como a região produz matéria-prima de qualidade e a Baldo necessitava daquela produção em razão da crescente demanda, a compra do local acaba se concretizando.

A filial de número 16 em São Mateus no estado do Paraná, aberta em julho de 1993, tem a mesma orientação. Esta filial destaca-se pela diversidade nos processos envolvendo a erva-mate. É neste local que a empresa produz mudas para reposição dos ervais. No depoimento de Gräff e Capitano (2009), fica clara a importância desta filial, pois a apresentam como sendo hoje a principal filial a trabalhar com erva-mate. Além de comprar matéria-prima, cancheir e estocar, possuem o horto e viveiro de mudas, realizando pesquisas e incentivando os produtores.

Acadêmicos ligados a diversas ciências têm desenvolvido pesquisas usando as práticas desta filial como caso e a estrutura disponível como laboratório. Entre estes trabalhos figura, por exemplo, o de Fabiana Maia de Andrade (2004). A acadêmica, analisou as modificações no teor de algumas substâncias presentes na erva-mate sob diferentes condições de cultivo.

Concluindo o quadro das filiais vinculadas à erva-mate fora do estado gaúcho tem-se, em situação idêntica, a de número 26, localizada em Prudentópolis no estado do Paraná aberta em fevereiro de 2007. Naquela região paranaense a Baldo tinha bons fornecedores. Este teria sido um dos fatores a determinar a instalação de forma definitiva na região.

No Rio Grande do Sul, além da matriz continua ativa a filial de número 15, localizada no bairro Santo Antão em Encantado, aberta em novembro de 1988 e vinculada à erva-mate. Funcionou neste local o empacotamento até ser transferido para a sede atual. Na atualidade funciona como depósito de erva cancheada. Onde a matéria-prima passa pelo processo de descanso para, então ser submetida ao processo final de industrialização.

Não vinculada ao setor ervateiro, mas ainda juridicamente ativa, está a filial de número 5 localizada no município gaúcho de Santo Augusto. A região, sendo produtora de soja, motivou a abertura da filial para que se pudesse comprar a produção. Aberta em dezembro de 1984, há três anos não recebe mais os cereais, tendo funcionado em sua origem como entreposto no processo de compra de soja. A matéria-prima ficava estocada, para posterior transporte e beneficiamento na matriz em Encantado.

Considerações finais

A solidificação da relação com o mercado externo e os investimentos estratégicos dentro do Brasil dão o suporte para que a Baldo S/A prospere. Em 2006, a revista Amanhã em edição especial destacava a prosperidade alcançada pela Baldo S/A, mencionando inclusive a sua hegemonia no mercado de erva uruguaio e a aquisição das ações da Canárias naquele país.

As exportações que iniciaram com Uruguai atualmente alcançam boa parte do planeta. No caso da erva-mate, além do tradicional mercado uruguaio, há exportação para: Espanha, Estados Unidos, Argentina, Austrália, França e Itália. A soja é exportada para: Alemanha, Ilhas Cayman, Holanda e Uruguai. A ainda recente produção de lecitina de soja é absorvida pelos mercados holandês e italiano, através da Cargill B.V e da Linfa SRL, respectivamente. Em relação ao mercado interno, a Baldo S/A em parceria com a Bremil lança a Goemil Indústria de Produtos Alimentícios Ltda. A empresa localiza-se em Palmeiras de Goiás no estado de Goiás.

No interior do município de Guaporé, no início da segunda década do século passado era possível vislumbrar uma estrutura que a bibliografia histórica coloca como a

alternativa à decadente economia pecuarista praticada à margem de uma sistematização mais eficaz. As casas comerciais dos colonos descendentes dos imigrantes chegados ao Brasil em meados do século XIX, são responsáveis pela dinamização da economia do Rio Grande do Sul e pela sua inserção em planos mais amplos.

A empresa gerenciada por João Baldo e as casas de comércio de seus filhos, além da industrialização e comércio de erva-mate, são reflexos deste processo histórico. A terceira geração da família Baldo participa ativamente daquilo que ocupou os seus antepassados. Desta forma a Baldo S/A, ao se aproximar do seu centenário, enquanto negócio familiar, olha no retrovisor e toma impulso na História para continuar estendendo o lastro do seu desenvolvimento em sintonia com a economia brasileira e mundial.

A certeza da finitude faz o homem edificar marcos que o revisitam, até determinado ponto, de imortalidade. Ao roncar o mate da narrativa histórica acerca da Baldo S/A, é conveniente ressaltar que a História se ocupa do fazer do homem em determinado tempo e espaço. Apesar de não ser um trabalho biográfico, o texto aqui encerrado trouxe para os holofotes personagens que ajudam a construir a história regional do Vale do Taquari no Rio Grande do Sul.

É coerente com as perspectivas historiográficas em evidência a partir da segunda metade do século XX, recortes como os levados a termo na presente produção. O levantamento bibliográfico, acerca de um contexto amplo, ganha novo significado quando aproximado com fontes documentais, em outros tempos não valorizadas. A particularidade de cada relato denotou a forma singular com a qual cada personagem concebe a trama da qual é artífice.

A partir do arquivo da empresa fica evidente a tentativa de adequação a cada conjuntura. Desta perspectiva entende-se porque ao beneficiamento de erva-mate e ao comércio, somam-se o tungue e a soja. A extração de óleos vegetais capitalizou a empresa e permitiu a expansão nos três estados do Sul. No apagar das luzes do século XX, a relação com o mercado internacional se intensificou. Além de exportadora a Baldo S/A, passou à acionista da Canárias, empresa uruguaia dedicada ao mercado do mate naquele país.

O enquadramento na conjuntura econômica de cada época ensaiou o que marcaria a história dos negócios familiares e, mais tarde, a trajetória da Baldo S/A. Desde então, a leitura empírica do panorama econômico regional ajudou na solidificação de relações comerciais que, em parte, ajudam a explicar a permanência pujante da empresa no mercado há tanto tempo.

A síntese de algumas situações verificadas ao longo deste trabalho embasa a

afirmação acima. A ascensão da erva-mate ao figurar entre os produtos comercializáveis como alternativa à economia pecuarista decadente é a primeira destas pistas. A evolução da indústria no Brasil e no estado do mesmo modo são refletidas nas atividades da Baldo S/A. A aquisição de máquinas mais elaboradas ao lado do ingresso no mercado de tungue e soja reforçam a ideia de atenção à realidade econômica circundante. Por fim, com a estabilização da economia do Brasil e a possibilidade de penetração mais incisiva no mercado internacional, a Baldo S/A estabelece parcerias e fixa-se no Uruguai, consumidor histórico da erva-mate brasileira.

Depois de quase um século, as picadas deram lugar a rodovias e as jangadas e pequenas embarcações foram substituídas por modernos navios. O processo inteiramente manual avançou até a automação. A “tradição” não emperrou a carruagem da história. Ao voltar-se para si, nesse levantamento, a Baldo S/A amplia o conhecimento das circunstâncias as quais a trouxeram até o século XXI. As inquietações crescentes do presente têm no passado muitas das respostas que procuramos. É, assim, tomando impulso na própria história, que a Baldo S/A descortina, no presente, as possibilidades dos êxitos futuros.

CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF REGIONAL HISTORY FROM THE TRAJECTORY OF A MATE HERB FACTORY IN RIO GRANDE DO SUL

Abstract: The present article studies the colonization in the South of Brazil, more specifically the adaptation of the Italian immigrants and their descendants, to the economic panorama formatted from the first half of the 20th century. The reflections have as starting point the history of a family business, Baldo S / A, located in the municipality of Encantado/RS. The study touched, from the historiographical perspective, some economic activities that make up the branch of action of Baldo S / A. In spite of having diversified its line of action, the company has its origin linked to the processing and marketing of mate herb. The documentary collection consulted allowed the visualization of the insertion of Baldo S/A in the economic panorama of the South of Brazil and its penetration in other Conesul countries. In addition to bibliographical consultations, the present study is based on documentation originating from personal and institutional collections. The elaboration of the text followed the parameters of the New Cultural History, aiming to broaden the understanding of the facts and events in the regional, national and global panoramas.

Keywords: Regional History. Baldo S/A. Rio Grande do Sul.

Referências

Entrevistas

BALDO, G. T. Depoimento Oral. Encantado, 1º de julho de 2009.

CAPITANIO, M. e GRÄFF, P. E. Depoimento Oral. Encantado, 15 de julho de 2009.

GRACIOLI, A. Depoimento Oral. Encantado, 9 de julho de 2009.

GRÄFF, P. E. Depoimento Oral. Encantado, 24 de junho de 2009.

TONI, E. O. Depoimento Oral. Encantado, 16 de julho de 2009.

Bibliografia

ALLES, J. M. *Políticas Públicas, Conselhos Municipais e Agricultura Familiar: representações sobre o rural em Roca Sales/RS e a emergência da noção de multifuncionalidade da agricultura*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PGDR/UFRGS, 2005.

ANDRADE, F. M. de. *Avaliação de biomassa, clorofila, cafeína e tanino em Ilex paraguariensis Saint-Hilaire, crescendo sob sombreamento e pleno sol*. Dissertação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

BARROS, J. D'A. História, espaço e tempo: interações necessárias. *Varia Historia*, v. 22, n.36. Belo Horizonte, 2006.

BAYONA, Y. A. C. Debates de la historia cultural, conversación con el profesor Peter Burke. *Historia critica*. Bogotá, n. 37, enero-abril 2009, p. 18-25.

CUNHA, A. M.; SIMÕES, R. F.; DE PAULA, J. A. História econômica e regionalização: contribuição a um desafio teórico-metodológico. *Estudos Econômicos* (São Paulo), v. 38, n. 3, 2008.

DIÁRIO Oficial do Rio Grande do Sul, Comércio & Industria, de 16 de junho de 1975. p.12-13.

FAUSTO. Boris. História do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo. Fundação para o Desenvolvimento para a Educação, 1999.

FERRI, G. *Roca Sales: cidade da amizade*. [S.l.]: s.n., 1998, p. 136

GOLDIN, I.; REZENDE, G. *A Agricultura brasileira na década de 80: Crescimento numa economia em crise*. Rio de Janeiro: Ed. IPEA, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LYSAKOWSKI, Z. (Coord.). *Centenário da imigração Italiana – 1875 a 1975, Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Edel Ltda., 1975.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992.

SOBRE OS AUTORES

Neli Galarce Machado é doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP); docente do Centro Universitário Univates.

Sérgio Nunes Lopes é doutorando em Ambiente e Desenvolvimento pelo Centro Universitário Univates; docente do Centro Universitário Univates.

Patrícia Schneider é mestre profissional em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); coordenadora do Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates (CMDPU).

Recebido em 13/04/2017

Aceito em 05/07/2017